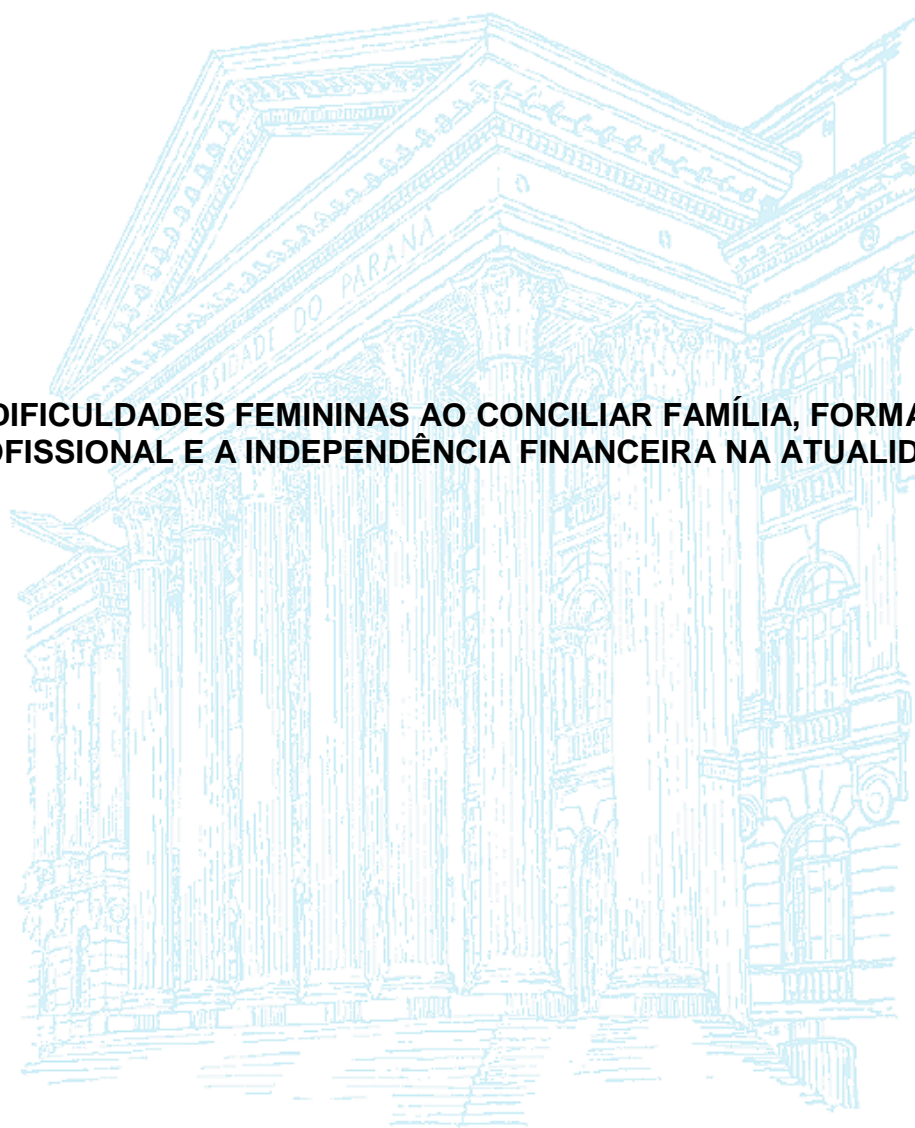


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FABÍOLA DA FONSECA MURBACH

**AS DIFICULDADES FEMININAS AO CONCILIAR FAMÍLIA, FORMAÇÃO
PROFISSIONAL E A INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA NA ATUALIDADE.**



LAPA
2016

FABÍOLA DA FONSECA MURBACH.

AS DIFICULDADES FEMININAS EM CONCILIAR FAMÍLIA, FORMAÇÃO
PROFISSIONAL E A INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA NA ATUALIDADE.

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-
Graduação em nível de Especialização em
Gênero e Diversidade na Escola, do Setor
Litoral da Universidade Federal do
Paraná, apresentado como requisito
parcial à obtenção do título de Especialista
em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Thayz Conceição Cunha de
Athayde.

LAPA
2016

AS DIFICULDADES FEMININAS AO CONCILIAR FAMÍLIA, FORMAÇÃO PROFISSIONAL E A INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA NA ATUALIDADE.

Fabíola da Fonseca Murbach¹
Thayz Conceição Cunha de Athayde²

¹ Possui Licenciatura Plena em Geografia (2012) - Universidade Estadual de Ponta Grossa UEPG/PR; E-mail: fabiolamurbach@gmail.com.

² Possui graduação em Psicologia - Faculdades Integradas do Brasil (2012) e Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2015). É doutoranda em Educação pela UERJ e pesquisadora do GENI – Grupo de Estudos em Gênero, Sexualidade e Interseccionalidades na escola. E-mail: thayzathayde@gmail.com

Resumo

Este artigo trata das dificuldades femininas em conciliar família, formação profissional e a independência financeira na atualidade. Para tanto, foi apresentado algumas discussões sobre gênero e estereótipos de gênero, fazendo uma relação com a divisão de trabalho entre homens e mulheres. Foi desenvolvido um breve contexto histórico sobre o trabalho feminino realizado entre a década de 20 e o trabalho feminino realizado nos dias atuais, em que foi relatado as mudanças ocorridas ao longo do tempo que proporcionaram a luta e as conquistas femininas em relação ao trabalho fora do ambiente doméstico. A partir dessas análises, pode se dizer que muito já foi feito em prol da luta feminina, mas há muito a se fazer para que as mulheres se consolidem no campo profissional, longe dos preconceitos e discriminações que a cercam pelo fato de ser mulher.

Palavras Chave: Mulheres; Dupla jornada de trabalho; Discriminação

Abstract:

This article deals with women's difficulties in reconciling family, vocational training and financial independence today. To that end, it presented some discussions about gender and gender stereotypes, making a connection with the division of labor between men and women. We developed a brief historical background on women's work between the 20s and the female work today, it was reported the changes over time that gave the fight and the women's achievements in relation to work outside domestic environment. From these analyzes, it can be said that much has been done about the female fight, but there is much to do for women to be consolidated in the professional field, away from the prejudice and discrimination that surround the fact of being a woman.

INTRODUÇÃO

De uma forma geral pode-se dizer que as mulheres realizam diversas funções, entre elas, a de trabalhar fora, ou seja, o trabalho formal, além de ser comum que as mulheres também cuidem dos afazeres domésticos e os cuidados com os filhos, gerando uma dupla jornada de trabalho.

Portanto este artigo trata da dupla jornada de trabalho da mulher. Em hipóteses levantadas, o trabalho feminino recebeu destaque ao longo do tempo por se tratar de um sistema econômico capitalista que viu na mulher a oportunidade de desempenhar um trabalho remunerado. De acordo com Aranha (2006) a dupla jornada de trabalho se deu devido aos seguintes critérios.

A partir do capitalismo, a instalação das fábricas separou o local de trabalho do local de moradia, obrigando a mulher, que precisava complementar o orçamento doméstico, a se ausentar de casa. E, se sempre foi aceito que os homens dessem prioridade às obrigações profissionais, a mulher passou a conviver o conflito que até hoje a persegue: Como conciliar vida privada e vida pública? A consequência tem sido a dolorosa dicotomia de uma vida dilacerada pela dupla jornada de trabalho. (ARANHA, 2006, p, 141).

De acordo com o autor, ao fazermos um rápido retrospecto histórico, podemos constatar que a educação formal da mulher sempre foi preterida. Com pequenas variações, pode-se dizer que a sociedade confinou as mulheres a certos espaços da casa. É comum que os meninos saíam cedo da tutela da mãe, enquanto, de certa forma, continuam dependendo dela para a realização das atividades femininas.

A cultura social limitou os espaços femininos e foi através de muita luta por direitos que a mulher conquistou seu espaço na sociedade, principalmente no mercado de trabalho. Com sua independência financeira adquirida fora do ambiente doméstico, a mulher pode dedicar-se a educação e a profissionalização.

De acordo com ARANHA (2006), as mulheres têm buscado cada vez mais a educação formal, dividindo com os homens os bancos escolares. A partir das décadas de 1950 a 1960 e de modo marcante até o final do século XX, ampliou-se o acesso à universidade e, conseqüentemente, a diversificação dos campos de trabalho. De uma forma geral, as mulheres já constituem maioria nas universidades, e pouco a pouco estariam alcançando postos chave nas empresas e na política Aranha (2006). Além disso, também conseguiram entrar na universidade e

começaram a trabalhar, mas isso não foi o suficiente para acabar com a discriminação feminina nos postos de trabalho e essas conquistas não representam necessariamente uma igualdade de gênero. Ainda é comum que mulheres sofram a discriminação de salários menores para funções idênticas as desempenhadas pelos homens, além de sofrerem preconceito dentro das empresas por serem mulheres.

OBJETIVOS

Apresentar através de pesquisa o tema duplo jornada de trabalho em relação às mulheres, compreendendo dessa forma como o estereótipo de gênero influencia na dupla jornada de trabalho feminino.

Objetivos específicos

- Entender como os estereótipos de gênero vão influenciar na dupla jornada de trabalho das mulheres.
- Identificar os desafios encontrados pelas mulheres ao desempenhar a dupla jornada de trabalho.
- Apresentar através da pesquisa bibliográfica as dificuldades enfrentadas pelas mulheres ao conciliar a vida profissional e a família especificamente à educação dos filhos

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta pesquisa a metodologia será qualitativa, envolvendo a revisão bibliográfica de artigos, livros e periódicos. Ao abordar o tema da pesquisa será necessário fazer um breve histórico da luta feminista, que neste texto terá como tema central a trajetória da inserção das mulheres, sobretudo a sua dupla jornada de trabalho nos dias de hoje.

Essa abordagem histórica apresenta as características da pesquisa qualitativa, fazendo um estudo que envolve acontecimentos históricos importantes com fatos da contemporaneidade, através do levantamento bibliográfico de autores que abordaram a temática em questão, fazendo uma descrição do problema da pesquisa e apresentando os resultados descritos em forma de redação.

Os dados foram coletados durante a leitura dos textos que tratam da dupla jornada de trabalho feminina, a pesquisa bibliográfica envolveu a questão dos estereótipos de gênero e a divisão das tarefas desempenhadas tanto por homens e mulheres dentro da sociedade. Os textos em questão auxiliaram no levantamento das hipóteses que nos fazem compreender o que levou a mulher a desenvolver a dupla jornada de trabalho. Dessa forma apresentou a real situação da mulher que necessita conciliar o trabalho, a casa e os filhos. Trata também das dificuldades encontradas para se consolidar no campo profissional um ambiente normalmente masculino, mas que aos poucos foi se tornando um espaço de lutas e conquistas femininas, porém ainda está longe de ser um ambiente livre de preconceitos, discriminações e que inferioriza as mulheres.

RESULTADOS E DISCUSSÃO.

Para que consiga fazer conjecturas sobre a dupla jornada de trabalho das mulheres, é necessário fazer uma breve discussão sobre os estereótipos de gênero. Entendo o termo gênero a partir da autora Joan Scott (1995), que considera fatores diferenciados para a definição do termo em questão. Scott (1995) relata que o gênero era relacionado ao feminino, ou seja, a mulher.

Entre as várias hipóteses que tratam a definição do termo gênero, destaco aquela em que o termo foi utilizado pelas feministas ao abordarem a participação feminina na história da sociedade principalmente na Revolução Francesa, lutas e conquistas ditas masculinas sem o reconhecimento feminino. (SCOTT,1995). Em outro ponto de reflexão apresenta o gênero como característica biológica diferenciada entre as espécies, ou seja, entre o homem e a mulher apresentando características físicas que diferenciam as espécies, sendo o homem tido como forte, independente e a mulher delicada, passiva delegando dessa forma uma dependência feminina em relação ao masculino. (SCOTT, 1995)

O termo gênero é caracterizado como feminino e masculino, sendo o mesmo construído culturalmente, sempre delimitando papéis acerca do comportamento de homens e mulheres no convívio dentro da sociedade, relatando o que pode ser permitido em caráter humano, político e econômico ao feminino e ao masculino. (SCOTT 1995).

Ao abordar o gênero, Scott (1995) utiliza quatro vertentes para delimitar o termo em questão, sempre relacionando o gênero ao poder principalmente quando analisa o poder político dentro da sociedade. Para autora o gênero faz a seguinte relação com o poder.

O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político tem sido concebido, legitimado e criticado. Ele não apenas faz referência ao significado da oposição homem/ mulher; ele também o estabelece. Para proteger o poder político, a referência deve parecer certa e fixa, fora de toda construção humana, parte da ordem natural ou divina. Desta maneira, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se parte do próprio significado de poder; pôr em questão ou alterar qualquer de seus aspectos ameaça o sistema inteiro. (SCOTT, 1995, p,92)

Após a leitura e análise dos textos que abordam as questões de gênero, é necessário entender sobre os estereótipos de gênero. Quando se trata do termo estereótipo do gênero há uma diferenciação entre aquilo que é concebido como masculino e feminino, que são consideradas como características culturais atribuídas pela sociedade através do comportamento social. De acordo com Nogueira (2001), os papéis de gênero são definidos como aquelas expectativas partilhadas acerca das qualidades e comportamentos apropriados dos indivíduos, em função do seu gênero socialmente definido.

Louro (2003) relata a seguinte afirmação em relação as características biológicas entre os indivíduos.

O argumento de que homens e mulheres biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem "científica", a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender – e justificar – a desigualdade social (LOURO,2003, p 20-21)

O termo gênero se diferencia daquilo que é entendido como sexo, isto é, a genitália principalmente quando o gênero se refere ao comportamento distinto entre homens e mulheres nos diferentes papéis desempenhados dentro de uma sociedade. A construção social dos estereótipos de gênero pode delimitar funções diferenciadas acerca do gênero feminino e masculino.

Como exemplo, podemos pensar como é atribuída certas funções a masculinidade, como independência, agressividade e dominância; quanto ao gênero feminino, é possível pensar que são atribuídas características distintas como a sensibilidade, emoção e a gentileza.

Faz-se necessário entender que essas funções se originaram já no início da vida em sociedade. Ao fazer o levantamento histórico da divisão do trabalho, principalmente no início do século XX, na década de 20, em que a educação da mulher era pautada para o casamento, ao trabalho doméstico e a educação dos filhos. Muitas famílias tradicionais da época escolhiam os noivos para suas filhas e muitas delas não podiam sair de casa desacompanhadas, passavam de senhoritas para senhoras. O trabalho fora de casa era visto com discriminação e as que não se submetiam as regras sociais naquela época passavam pelo constrangimento imposto pela sociedade, definido da seguinte maneira, a mulher que trabalha fora de casa, ou seja, na rua, era reconhecida como fácil, ao contrário das que se dedicavam ao casamento e os afazeres domésticos como senhoras respeitadas (PRIORE, 2013).

Através dessas regras sociais a mulher foi confinada ao lar e ficou subordinada ao chefe da família. Dessa forma tornou-se submissa ao homem e foi delegada a ela as tarefas domésticas e os cuidados com a educação dos filhos. Para Louro (2013), a invisibilidade feminina e os afazeres domésticos como o universo feminino vem sendo contestado e a divisão de tarefas é definida da seguinte maneira.

É preciso notar que essa invisibilidade, produzida a partir de múltiplos discursos que caracterizam a esfera do privado, o mundo doméstico, como o verdadeiro universo da mulher, já vinha sendo gradativamente rompida, por algumas mulheres. Sem dúvida, desde há muito tempo, as mulheres das classes trabalhadoras e camponesas exerciam atividades fora do lar, nas fábricas, nas oficinas e nas lavouras. Gradativamente, essas e outras mulheres passaram a ocupar também escritórios, lojas, escolas e hospitais. Suas atividades, no entanto, eram quase sempre (como são ainda hoje, em boa parte) rigidamente controladas e dirigidas por homens e geralmente representadas como secundárias, de apoio, de assessoria ou auxílio, muitas vezes ligadas a assistência, ao cuidado ou a educação. As características dessas ocupações, bem como a ocultação do rotineiro trabalho doméstico, passaram agora a ser observadas. Mais ainda, as estudiosas feministas iriam também demonstrar e denunciar a ausência feminina nas ciências, nas letras, nas artes (Louro, 2013, p.17)

O comportamento social imposto a cada indivíduo depende da crença e da cultura a qual foi instruído, encontramos diferentes comportamentos dentro de um mesmo grupo social. Conclui-se que o estereótipo do gênero é construído culturalmente por cada sociedade, delegando certas tarefas a homens e mulheres (NOGUEIRA, 2007)

A mulher vem ao longo do tempo conquistando seu espaço dentro da sociedade, principalmente no mercado de trabalho, ainda que para isso tenha que

desenvolver dupla jornada: a de trabalhar fora do ambiente doméstico, e ocupar-se dos afazeres domésticos ao voltar para casa, além do cuidado com a educação dos filhos.

Algumas conquistas dos direitos das mulheres só foram possíveis a partir do século XX e XXI. Se antes não era permitido socialmente outra função para as mulheres, além de cuidarem da casa, maridos e filhos, é possível pensar que na contemporaneidade é comum que as mulheres exerçam uma profissão. Contudo, faz-se necessário pontuar que muitas exercem uma dupla jornada de trabalho. Ou seja, ainda que as mulheres tenham conquistados alguns direitos essenciais, é possível dizer que algumas tarefas ainda são relegadas as mulheres, por acreditarem se tratar de uma atividade feminina. Essa questão é relacionada à divisão das tarefas entre os estereótipos de gênero, o que foi definido como atividade masculina e como atividade feminina na cultura social e que ainda hoje, encontra resistência mesmo com a independência financeira e a profissionalização da mulher, principalmente quando se trata das atividades domésticas que deveriam ser desempenhadas por homens e mulheres sem distinção.

Priore em sua obra *Histórias e Conversas de Mulher* (2013), relata sobre o tema da mulher no trabalho. A autora afirma que há centenas de anos a mulher brasileira trabalha. Nos primórdios da colonização, elas eram fazendeiras, comerciantes, lavadeiras e escravas. Nas primeiras décadas do século XX, grande parte do proletariado era formada por mulheres.

Nos dias de hoje, a mulher ainda encontra resistência em algumas áreas do mercado de trabalho, muito já foi feito em prol da luta feminina, mas muito ainda precisa ser conquistado para a mulher se consolidar no campo profissional. Conforme afirma Priore:

Apesar de subsistirem problemas- segregação ocupacional por preconceito racial, disparidades salariais, menor participação feminina em associações de categorias profissionais, entre outros-, as mulheres obtiveram igualdade, se não de direitos, de reconhecimento com os homens. A conquista da autonomia profissional, a evolução dos modelos familiares, o controle da procriação transformou sua imagem e situação social. A presença feminina afirmou-se notadamente no mundo do trabalho e, desde os anos 1980, o crescimento da população ativa deve muito às mulheres. Tudo indica, aliás, que essa progressão se conserva, apesar do desemprego. Estudos demonstram, contudo, a persistência de profundas desigualdades entre os dois sexos: econômica, política ou de acesso aos postos de poder. Entre casais, a partilha de tarefas ainda é uma doce utopia; as mulheres consagram-se três vezes mais que os companheiros às atividades domésticas (PRIORE, 2013, p, 56)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que as questões que englobam a mulher na dupla jornada de trabalho, ou seja, conciliar trabalho, família e vida profissional, vem ao longo dos anos conquistada, mas há muito a se fazer para que a mulher consiga estabelecer seu lugar na sociedade longe dos preconceitos relativos ao gênero, aos estereótipos de gênero, principalmente quando se trata da divisão das tarefas.

Por mais que a mulher tenha se consolidado no campo profissional, muitos preconceitos ainda a cercam pelo simples fato de ser mulher, como por exemplo ela não é aceita em muitas funções que antes eram reconhecidas como funções masculinas, mas que hoje são desempenhadas por homens e mulheres.

De uma forma geral a sociedade impôs regras a serem cumpridas tanto por homens, como por mulheres, ao definir um comportamento. Ou seja, trata-se de conduta social que os indivíduos devem desenvolver para que sejam aceitos dentro do grupo ao qual pertencem, principalmente quando se refere aos estereótipos de gênero e a divisão de tarefas entre homens e mulheres.

Pode-se constatar que as mulheres sempre estiveram presentes nas lutas e conquistas masculinas mesmo que não tenham sido reconhecidas, mas foi através dessas lutas que elas começaram a traçar sua história socialmente. Por mais que a mulher venha conquistando sua independência financeira ela necessita desenvolver a dupla jornada de trabalho não por escolha, mas sim por falta de opção. É comum que os companheiros não dividam as tarefas domésticas porque ainda acreditam na divisão das tarefas, as quais foram impostas pela sociedade.

Em contrapartida as suas escolhas, as mulheres veem desempenhando a dupla jornada de trabalho devido à falta de divisão das tarefas domésticas com seus companheiros, essas questões encontram-se ligadas a divisão de trabalho entre os estereótipos de gênero feminino e masculino, os quais delimitariam a função de provedor da casa ao homem e a mulher as tarefas domésticas e, a educação dos filhos. Mesmo que a mulher concilie o trabalho, a família e os estudos é possível que

ela faça uma dupla jornada de trabalho, que se distancia da desejada igualdade de gênero entre homens e mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SIMÕES. Fatima I W; HASHIMOTO. Francisco. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. **Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas**, Minas Gerais, nº 2, ano I, p 01- 25. 10/2012. Disponível em <http://www.ufvjm.edu.br/vozes>. Acesso em 31/ 07/2015.

FRANÇA. Ana Leticia; SCHIMANSKI. Édina. Mulher, trabalho e família: uma análise sobre a dupla jornada feminina e seus reflexos no âmbito familiar. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) do Curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Ponta Grossa. 2008. Disponível em <http://eventos.uepg.br/ojs2/index.php/emancipacao/article/viewArticle/687>. Acesso em 31/07/2015

BRUSCHINI, Cristina. **Mulher, Casa e Família: cotidiano nas camadas médias paulistanas**. Fundação Carlos Chagas. 1990.pag.222.

AMARAL, Grazielle Alves. Os Desafios da Mulher no Mercado de Trabalho. Itinerarius Reflectionis. **Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jatai**. UFG, n 15,2012. Disponível em www.revistas.jatai.ufg.br Acesso em 31/07/2015.

PEREGRINO. Ana Isabel de Carvalho. **A Cidade e a Mulher: Desafios Cotidianos e Direitos Sociais. O Progresso das Mulheres no Brasil 2003-2010**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em www.unifim.org.br/progresso.pdf. Acesso em 31/07/2015.

LOPES. Cristiane M S. **Direito do trabalho da Mulher: da proteção à promoção. 2002,405-430. Artigo (Procuradora do Trabalho e membro do Núcleo de Combate à Discriminação da mulher CODIN/PR**. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30398>. Acesso em 31/07/2015

MARTINS, Sergio Pinto. **Direito do Trabalho**. 13 ed. São Paulo: Atlas S.A, 2001. 796 p (Revista atualizada e ampliada).

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2006. 327 p.

SILVA, Maria Ozanira da Silva; YAZBEK, Maria Carmelita. (Orgs). **Políticas Públicas de Trabalho e Renda no Brasil Contemporâneo**. São Paulo; Cortez, 2006. 207 p.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./ dez.1995, p.71-99.

NOGUEIRA, Conceição; SAAVEDRA, Luísa. **Estereótipos de Gênero, conhecer para os transformar.** Cadernos Sacausef. Lisboa, n. 3,p.10-30, 2007. Disponível em <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/4072>. Acesso em 12/10/2015.

PRIORE, Mary Del. **Conversas e histórias de mulher.** 1 ed. São Paulo: Planeta, 2013. 312 p.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petropolis, RJ: Vozes, 1997.184p.